

A Festa de Shavuot - Pentecostes

The Feast of Shavuot - Pentecost

Gilvan Leite de Araujo

Resumo

A Festa de Shavuot ou Pentecostes é a segunda das três grandes festas de Israel. Da festa das primícias Shavuot passou, ao longo da história, a celebrar a memória da Aliança do Sinai, com o “dom” da Torá, sem nunca perder o seu caráter agrícola, chegando ao universo cristão celebrando o “dom” do Espírito Santo e os “dons” do Espírito Santo. O processo de desenvolvimento de Shavuot deixa transparecer que o caráter agrícola se sobressai ao contexto histórico, sendo este assumido a partir da influência cristã, ao transpor a solemnidade judaica para o universo cristão vinculando e concluindo o período pascal. Diante disto surge a questão se a historização de Shavuot/Pentecostes seja eminentemente de tradição judaica ou influência do cristianismo. Este artigo deseja apresentar este processo histórico da Festa Judaica de Shavuot à Festa Cristã de Pentecostes evidenciando as particularidades e a mútua influência litúrgica e teológica.

Palavras-Chaves: Shavuot; Pentecostes; Festa de Israel.

Abstract

The Feast of Shavuot or Pentecost is the second of the three great feasts of Israel. The feast of firstfruits Shavuot became, in the course of history, to celebrate the Covenant of Sinai, the “gift” of the Torah, without ever losing its agricultural character, reaching the Christian universe celebrating the “gift” of the Holy Spirit. The process of development of Shavuot reveals that the



agricultural character excels at historical context, this being taken from the Christian influence, to transpose the Jewish Feast for the Christian universe liking and concluding the Easter period. Before this the question arises if the history of Shavuot-Pentecost is eminently of Jewish tradition or influence of Christianity. This article you want to submit this historical process of the Jewish Feast of Shavuot to the Christian Feast of Pentecost evidencing the peculiarities and mutual influence liturgical and theological.

Keywords: Shavuot; Pentecost; Feast of Israel.

Introdução

Comumente se tem em mente que, para a tradição judaica, a Festa de Shavuot ou Pentecostes é a celebração e memorial de um evento extraordinários acontecido no Sinai ao terceiro mês da saída do Egito (cf. Ex 19,1-9). Segundo esta concepção, por um lado, encontra-se Deus que se revela a Israel convidando-a a se tornar seu povo particular, de especial proteção, acolhendo a sua palavra com liberdade, os seus mandamentos; e, por outro, Israel que responde acolhendo a proposta: “*Tudo o que o Senhor falou, nós o faremos e obedeceremos*” (Ex 19,8 e 24,7). Evento extraordinário, no qual Deus se revela com amor pessoal elegendo Israel e lhes concedendo proteção e liberdade e Israel que se torna parceiro e Povo da Aliança. Shavuot, para os Rabinos, relembra e atualiza este evento onde Deus e Israel se une num pacto de amor e fidelidade, como aquele entre um esposo e uma esposa, manifestando um *shalom* eterno, a plenitude dos bens messiânicos e a felicidade do mundo. Contudo, Shavuot possui, em origem, um caráter agrícola. Os primeiros frutos da terra é sinal da benção do Eterno, como relembra o profeta Jeremias: “*Temamos o Senhor nosso Deus, que nos dá a chuva do outono e da primavera a seu tempo e que os reserva semanas fixas para a colheita*” (Jr 5,24). Deus, que tudo criou, deu a terra a Israel e provê os bens necessários para o seu povo eleito.

Flávio Josefo e Filão de Alexandria são testemunhas de uma festa de Shavuot celebrada segundo prescrições dos livros sagrados, como cerimônia de ação de Graças pela colheita, que comporta uma oferta de primícias¹ cinquenta dias depois do primeiro dia da Pascoa².

¹ Cf. COCCHINI, R. “L’Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste”. *Rivista Biblica Italiana* 25 (1977), pp. 36-137.

² Cf. LOHSE G. ΠΕΝΤΗΚΟΣΤΗ. In: *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. IX. Brescia: Paideia 1974, p. 1479.

O Antigo Testamento fornece poucas informações a respeito da Festa de Shavuot e sua relação com a história de Israel. A Festa é uma das três festas de peregrinação (Pessach, Shavuot e Sucot) e não são claras as informações a respeito da data e do nome, mudando conforme as tradições de Israel. Portanto, fora do Pentateuco, são poucas as referências sobre Shavuot³.

No ambiente do cristianismo primitivo a Festa de Shavuot assume nova configuração ao ser relacionada com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos cinquenta dias após a Ressurreição de Jesus Cristo. No Judaísmo Rabínico a Festa possui importância secundária⁴, estando apenas vinculada a Festa da Páscoa⁵ quase como conclusão desta.

1. O nome da festa

A expressão hebraica Shavuot significa “semanas” e estará sempre relacionada com o número sete, porque a Festa é celebrada “sete semanas” depois da Páscoa: “...contareis sete semanas completas. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado” (Lv 23,15-16).

No Livro do Êxodo a Festa é denominada “Festa da Messe” (=Hag Qâsir): “Guardarás a festa da Messe, das primícias dos teus trabalhos de sementeira nos campos” (Ex 23,16), que é a festa da colheita do trigo, como será precisado posteriormente em Ex 34 onde recebe o seu nome peculiar, ou seja, Shavuot (=Hag Shavuot): “Guardarás a Festa das Semanas: as primícias da colheita do trigo” (Ex 34,22), que pode tratar-se de uma glosa posterior com a intenção de relacionar com o relato de Dt 16. Por outro lado, Levíticos e Números irão designar a Festa pelo nome de “Festa das Primícias” (*Yom ha-bikkurim*: Lv 23,15-6; Nm 28,26). O livro do Deuteronômio assume o nome de Festa das Semanas (=Hag Shavuot). A novidade é que esta é celebrada em honra de Deus (cf. Dt 16,9-10)⁶.

Nota-se que no Pentateuco a Festa de Shavuot conserva o caráter agrícola enquanto sofre um aparente processo de historização, apesar de não ser tão claro este processo. Além do mais, os nomes da Festa estão em referência com a fonte escrita do qual provêm⁷.

³ Cf. LOHSE G. Πεντηκοστη, p. 1478.

⁴ De VAUX R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 531.

⁵ Cf. LOHSE G. πεντηκοστη, p. 1481-1482.

⁶ DE VAUX R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 529.

⁷ Cf. COCCHINI, R. *L’Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste*, p. 298.

A Festa permanece hoje, para os judeus, com o nome de Festa de Shavuot ou Festa das Semanas. Segundo a concepção agrícola, conclui a colheita dos “Ázimos” (cf. Ex 23,15; 34,18), iniciada com o plantio da cevada e do trigo; e, segundo a concepção histórica, conclui o significado da Páscoa (=saída do Egito e Aliança do Sinai).

O nome propriamente dito “Pentecostes”⁸ aparecerá somente em ambiente cristão, conforme indica o livro dos Atos dos Apóstolos e 1Coríntios. Na primeira referência, os Apóstolos encontram-se reunidos no completar dos cinquenta dias (cf. At 2,1); na segunda, Paulo que deseja passar o “dia de Pentecostes” em Jerusalém (cf. At 20,16) e, na terceira, Paulo expressa o desejo de permanecer em Éfeso até “Pentecostes” por causa da missão nesta região (cf. 1Cor 16,8). Estas são as únicas referências ao nome “Pentecostes” em toda Bíblia.

2. Datação da festa

A configuração histórica da Festa, ou seja, a memória da Lei, foi um longo processo, devido ao seu caráter agrícola das primícias. Além disso, problema da datação de Pentecostes tornou-se objeto de acirradas controvérsias, somente a partir da tradição rabínica é que a data será fixada formalmente⁹, enquanto o sentido histórico permanece sempre atenuado.

O objeto de discussão, quanto a datação, era interpretar a simples expressão de Levítico que fala “...a partir do dia seguinte ao sábado...” (Lv 23,15), que gerava dúvida quanto a sua compreensão. Um primeiro problema a ser considerado era o fato que a festa era “das primícias”, ou seja, dos primeiros frutos do solo. Deve-se levar em consideração que o tempo da colheita varia de um ano para o outro e principalmente por causa do clima. Assim, a lógica é que seria necessário colher os primeiros frutos para celebrar, resultando na variação de dias para o início da festa¹⁰. De fato, nos textos de Êxodo encontra-se a seguinte prescrição: “*Guardarás a festa da Messe, das primícias dos teus trabalhos de sementeira nos campos...*” (Ex 23,16; 34,22). Nota-se que não existe uma prescrição formal para a data, dependendo, assim, do ciclo normal da natureza.

⁸ A partir deste ponto adotaremos preferencialmente o nome de “Pentecostes” tanto para a tradição judaica quanto cristã.

⁹ POTIN J. *La Fête Juive de la Pentecôte, Étude des Textes Liturgiques*. Tome I. Paris: Éditions du Cerf, 1971, p. 119.

¹⁰ POTIN J. *La Fête Juive de la Pentecôte, Étude des Textes Liturgiques*, p. 120.

O livro do Levítico fixa a data da festa a partir da celebração da Páscoa e esta corresponde ao início do ano agrícola, a partir da preparação do solo e plantio das sementes: “*A partir do dia seguinte ao sábado, desde o dia em que tiverdes trazido o feixe de apresentação, contareis sete semanas completas. Contareis cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado...*” (Lv 23,15-16). A contagem parte do findar do sábado (calendário lunissolar – pós-exílico) ou propriamente no domingo (calendário solar – pré-exílico)? E o quinquagésimo dia segue o mesmo esquema? Como entender “*até o dia seguinte ao sétimo sábado*”? Os relatos bíblicos deixam, assim, dúvidas quanto a fixação exata de uma data para a Festa de Pentecostes estabelecendo conflito, ao interno de Israel, entre os diversos grupos como saduceus, essênios e fariseus e na diáspora o mesmo problema se apresenta, por causa do ciclo do ano agrícola e das divergências dos calendários bíblicos.

O livro de Números explicita que a festa seja celebrada “*no dia das primícias... na vossa festa das Semanas...*” (Nm 28,26). Os relatos de Êxodo 23 e 34 não oferecem uma data precisa, apenas aproxima a festa do calendário festivo de Israel ao explicitar “*...na vossa festa das Semanas...*”.

O livro do Deuteronômio propõe uma base para a fixação de uma data precisa para Pentecostes. De fato, no texto se lê: “*Contarás sete semanas. A partir do momento em que lançares a foice nas espigas, começarás a contar sete semanas. Celebrarás então a festa das Semanas*” (Dt 16,9-10). Contudo, precisar a data a partir deste relato ainda é inviável, pois a questão de quando tem início o plantio depende do ciclo da natureza¹¹ e o início da sementeira e das colheitas na planície difere daquela das colinas e a questão complica-se ainda mais quando se relaciona o sacrifício de animais¹². Além do mais, se deve contar a partir do mesmo dia ou a partir do dia seguinte, fixando quando o quinquagésimo dia? Assim, pela narrativa de Deuteronômio a data continua imprecisa.

2.1. Tradição rabínica

Os saduceus e os samaritanos concebiam o sábado como o sétimo dia da semana, começando a contagem das sete semanas a partir do domingo que seguia o sábado após a Festa da Páscoa, fazendo com que a Festa de Pentecostes caísse sempre no primeiro dia da semana (=domingo).

¹¹ POTIN J. *La Fête Juive de la Pentecôte, Étude des Textes Liturgiques*, p. 120.

¹² Cf. WAGENAAR, J.A. *Origin and Transformation of the Ancient Israelite Festival Calendar*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag 2005, p. 47-48.

Os essênios de *Qumran* interpretavam o sábado no senso do sétimo dia da semana após a semana dos ázimos, ou seja, 25 de Nisan, começando a contagem das sete semanas a partir do dia seguinte a este. A festa, também, caía sempre no domingo, como na contagem dos saduceus e samaritanos, porém, uma semana depois¹³.

Os fariseus, enfim, interpretavam o sábado no senso do dia de festa, ou seja, o primeiro dia depois dos ázimos. Portanto, iniciavam a contagem das sete semanas a partir de 16 de *Nisan*, motivo pelo qual o quinquagésimo dia caía no dia 6 de *Sivan*, uma data precisa, porém não um dia fixo da semana¹⁴.

No Tratado *Moed Hag* 2,4 da *Mishná* fornece a seguinte argumentação:

Se a festa das Semanas ocorria na vigília do sábado, a escola de Shamaí dizia que o dia de sacrifícios de animais ficaria para depois do sábado. A escola de Hillel, ao contrário, afirmava que há lugar para o dia da matança dos animais depois do sábado. Porém, estavam de acordo de que se a festa caísse em dia de sábado, o dia do sacrifício de animais ficaria para depois do sábado. O sumo-sacerdote não veste seus trajes próprios e estão permitidos as exéquias e o jejum de modo que não se confirmem as palavras dos que afirmam que a festa das semanas segue o sábado.

A Festa de Pentecostes permanece, a partir da tradição rabínica, com a data fixada no primeiro dia da semana, conforme deixa transparecer os textos da *Mishná* e do *Talmud*. Leva-se em conta que a datação rabínica contará com outras influências como a do livro de Jubileus. A tradição rabínica, ainda, fixa Pentecostes entre as outras duas grandes festas de peregrinação de Israel, ou seja, Páscoa e Tendas. Assim, elas servem de base para a data da Festa. A tradição cristã mantém a data de Pentecostes em direta relação com a Páscoa, ou seja, cinquenta dias após a Ressurreição de Jesus Cristo, caindo também no primeiro dia da semana, ou seja, no domingo, tendo como base o calendário lunar.

3. Liturgia da Festa de Pentecostes

A Festa de Pentecostes possui um elo constitutivo com a Festa da Páscoa, como descrevem os relatos do Pentateuco. Apesar de estar vinculado à Páscoa, Pentecostes mantém o seu caráter agrícola. Gratidão pelos dons da terra. Seu

¹³ Cf. POTIN J. *La Fête Juive de la Pentecôte, Étude des Textes Liturgiques*, p. 121.

¹⁴ Cf. COCCHINI, R. *L'Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste*, p. 303-304; POTIN J. *La Fête Juive de la Pentecôte, Étude des Textes Liturgiques*, p. 122.

caráter histórico (Sinai, Lei e Aliança) não é claro e, ao longo da história, muitas vezes foi desconsiderada. Contudo, ela se configura como a segunda festa de peregrinação.

Em quase todos os relatos bíblicos que tratam de Pentecostes se faz menção a oferta de farinha, de grãos, de pães e somente nos dois relatos de tradição sacerdotal (cf. Lv 23,18 e Nm 28,27) se fala de oferta de sete cordeiros e outros animais, que se trata de um ritual mais elaborado¹⁵. No texto de 2Crônicas, apesar de não fazer menção direta à Festa de Pentecostes, situa uma festa religiosa no terceiro mês durante o reinado de Asa, como renovação da Aliança (cf. 2Cr 15,10). O particular deste relato é que não se menciona oferta agrícola, apenas sacrifícios de animais. Além do mais, a obra cronista relaciona a festa com o tema da Aliança.

A cerimônia característica é a oferta de dois pães de farinha nova assado com fermento. Nota-se que somente aqui é permitido o uso de fermento em pães rituais¹⁶. De fato, não era costume o uso de fermento em pães assados para fins rituais, como se pode observar em Dt 16,3: “*Não comerás pão fermentado... comerás... Ázimos - pão da miséria*”.

A festa conserva o seu caráter agrícola de festa de colheita das primícias. O Livro de Rute, cujo relato acontece durante a colheita, é lido solenemente. Nos vilarejos do antigo Israel se reunia um cortejo de peregrinos que subiam para Jerusalém a fim de oferecer os dons da colheita a Deus. Quando se aproximavam da cidade os sacerdotes e levitas vinham ao encontro dos peregrinos, guiando-os até o Templo, onde entravam em procissão, portando seus dons e entoando cantos de alegria. Os levitas entoam hinos de louvor. Em seguida as primícias eram entregues nas mãos dos sacerdotes e se pronunciava a solene gratidão ao Deus de Israel, repetindo as palavras de Dt 26,3-10:

Declaro hoje ao Senhor meu Deus que entrei na terra que o Senhor, sob juramento, prometera aos nossos pais que nos daria! [após a entrega das primícias prossegue o peregrino] Meu pai era uma arameu errante: ele desceu ao Egito e ali residiu com os egípcios, porém, nos maltrataram e nos humilharam, impondo-nos uma dura escravidão. Gritamos então ao Senhor, Deus dos nossos pais, e o Senhor ouviu a nossa voz: viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E o Senhor nos fez sair do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com

¹⁵ Cf. DE VAUX R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 530.

¹⁶ Cf. DE VAUX R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 530.

sinais e prodígios, e nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, uma terra onde emana leite e mel. E agora, eis que trago as primícias dos frutos do solo que tu me deste, Senhor.

Após esta solene prece os dois pães das primícias (cf. Lv 23,17) eram ofertados como primícias da nova colheita, como gratidão pela proteção de Deus no passado e no futuro, e porque Deus provê o bem do seu povo¹⁷.

4. Festa agrícola e culto de fertilidade em Canaã

O contato do homem antigo com a natureza acontecia em relação com o divino. Assim, a força da natureza eram ações de divindades que manifestava alegria, tristeza, ira, ou seja, um comportamento tipicamente humano. As divindades eram compreendidas a partir das forças em ação da natureza. Esta característica estava presente nas religiões do Antigo Oriente. Diante desta realidade, o homem antigo estava diante de forças superiores que exigiam subordinação. No processo animista uma divindade manifestava sua vontade através das forças da natureza, ou a própria natureza possuía vontades próprias ou elementos ocultos. Nisto se pode entender que o sol ou a lua ou um vulcão podia ser concebido como uma divindade, ou, por outro lado, uma determinada divindade utilizava destas forças naturais para manifestar a sua vontade.

O Antigo Oriente com sua geografia árida tornava o cultivo do solo e a criação de animais algo extremamente complicado. A fertilidade do solo ou dos animais era vista como uma benção, o contrário, uma maldição divina.

O culto da fertilidade e os sacrifícios eram formas de aplacar a divindade e pedir a benção, suplicar pelo fim da estiagem ou para agradecer pela colheita. Na terra de Canaã não era diferente, o povo tinha uma relação com uma grande diversidade de deuses e deusas. Entre eles destaca-se a Baal e conforme a região o seu nome podia diferenciar (Baal do Carmelo; Ba'alsamen, Ba'al Berit; Ba'al Gad, Had, Harmon, Meon, Peor, Perazin, Thamar, Zebub), mas trava-se sempre da mesma divindade¹⁸.

Segundo o Antigo Testamento, Baal é primariamente um deus da fertilidade, como se pode observar em 1Reis 18 no qual o Profeta Elias demonstrará que quem provê o bem de Israel não é Baal, mas o Senhor Deus. De fato, não

¹⁷ Cf. LOHSE G. πεντηκοστη, p. 1481.

¹⁸ Cf. DE MOOR J. C. Βα'αλ. In: *Grande Lessico dell'Antico Testamento*. v. I. Brescia: Paideia 1988, p. 1455.

é Baal que manda a chuva, mas aquele que fez Aliança com Israel (cf. Os 2). Baal é apresentado dominando os céus com suas tropas, com o sol, com a lua e com as figuras zodiacais (cf. 2Rs 17,16; 21,3; 23,4s).¹⁹ O culto cananeu apresentava-se superior em relação ao culto nômade dos imigrados hebreus, cuja influência sobre estes será um problema. Uma questão crucial aqui é, justamente, evidenciar que o Deus de Israel era um Deus nômade, o credo de Israel, de fato, professava um Deus libertador. Os israelitas tomando posse da terra de Canaã assumem uma condição sedentária. Deste modo, deixa a vida nômade para se dedicar ao cultivo do solo e a criação de animais de modo estável. Contudo, na fê de Israel não se prevê Deus cuidando daquilo que se refere a vida sedentária. Como consequência lógica é que a população vá buscar proteção, numa terra árida, numa divindade que garanta a fertilidade. Este é o motivo da força do baalismo em Israel.

Através dos relatos bíblicos conclui-se que o significado teológico do deus cananeu da tempestade e da fertilidade, do seu culto e da sua mitologia influenciou largamente o judaísmo antigo. Por outro lado, coube a tradição bíblica posterior legitimar que o verdadeiro provedor do povo de Israel é somente aquele que criou o universo, como se pode verificar na teologia de Oséias e, principalmente, do Livro de Jó.

O culto de Baal era regulado pelos ciclos da natureza, de grande importância para a população rural de Canaã. Os respectivos ritos de fecundidade pareciam obscenos aos olhos do povo hebreu. Por isso, tais usos e costumes da religião baalita foi ferozmente condenado pelos profetas de Israel e a participação era rigorosamente proibida.

Canaã celebrava quatro grandes festas em honra de Baal. A mais importante era a festa de Ano Novo, celebrada entre os meses de setembro-outubro. As demais festas são vagamente descritas pelos textos sagrados. Estas são: a festa da consagração do templo no período do equinócio de primavera; a festa do luto pela morte de Baal um mês mais tarde, possivelmente com um rito de primeiro feixe acompanhado de um sacrifício e de uma procissão de Anat-Astart; e, a festa da morte de Môt em junho, provavelmente com um rito de último feixe²⁰.

¹⁹ Cf. DE MOOR J. C. Βα'αλ, p. 1449.

²⁰ Cf. DE MOOR J. C. Βα'αλ, p. 1455.

5. Da festa agrícola de Canaã à Festa de Pentecostes

Quando os israelitas entraram na Terra Prometida, eles entraram em contato com os povos que nela habitavam. De fato, o Livro de Êxodo fala da Terra Prometida como a “*terra dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus...*” (Ex 3,17). Diante disto, deve-se evidenciar que se existia conflito entre estes povos e os israelitas, também existia intercâmbio cultural e social. Os israelitas provenientes de uma cultura nômade, sob a proteção de Deus, com configurações nômades, estarão diante de uma cultura sedentária que se relacionavam com divindades sedentárias, como visto acima.

Pode-se sentir, entretanto, que na festa de Pentecostes eram oferecidos dois pães assados a partir dos primeiros grãos, que é uma festa absorvida de Canaã. Tem-se um processo de assimilação, onde as tradições de Canaã são absorvidas por Israel e relidas a partir da sua história e da sua relação com o Deus do Povo Eleito.

Os israelitas, mesmo professando a fé no Deus Único de Israel, recebiam influência direta das religiões cananeias. Principalmente o baalismo com seu culto de fertilidade e prostituição sagrada e sacrifícios, que serão objeto de contestação profética.

Entre os profetas que condenam as praticas baalista destaca-se Oséias. Deve-se, antes de tudo, indagar até que ponto o culto à Baal estava vinculado às praticas da prostituição sagrada. Pode-se sentir nos relatos do Antigo Testamento que existia alguma coisa de culto de fertilidade e prostituição sagrada. Em todo caso, é impossível perceber um culto de fertilidade praticado pelos israelitas. Além do mais, o Deus de Israel sempre apareceu sozinho, sem relação com alguma divindade feminina, mesmo quando se tenta alguma relação com alguma deusa (cf. Os 3,1). No Deus de Israel não existe uma identificação masculina e feminina, ou seja, Deus é Deus, melhor ainda, Deus é Um, pelo menos na tradição escrita oficial. Toda a criação é obra de Deus doada aos homens. Deus para os israelitas é o libertador da escravidão e é o Deus cuida e provê o seu povo. Por outro lado, poderia parecer estranho, aos povos da terra de Canaã, a fé num Deus Único, sozinho, sem relação com uma divindade feminina.

6. Aliança do Sinai

O processo de historização de Pentecostes está relacionado com o evento do Sinai. De fato, a festa deveria fazer memória da Aliança realizada entre Deus e o Povo de Israel sobre o Monte Sinai, por meio de Moisés:

No terceiro mês depois da saída do país do Egito, naquele dia, os israelitas chegaram ao deserto do Sinai. Partindo de Rafidim e chegaram ao deserto do Sinai, e acamparam no deserto. Israel acampou lá, diante da montanha. Então Moisés subiu a Deus. E da montanha o Senhor o chamou, e lhe disse: ‘Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos israelitas: Vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha Aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa. Estas são as palavras que dirás aos israelitas’. Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas essas palavras que o Senhor lhe havia ordenado. Então todo o povo respondeu: ‘Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos’. E Moisés relatou a Deus as palavras do povo (Ex 19,1-8).

O texto fornece diversas informações de importância para a tradição bíblica. Entre elas destaca-se a frase “*Naquele Dia*” que assume uma conotação teológica e faz referência direta à Aliança do Sinai. Mesmo no Novo Testamento quando aparece tal expressão se deseja, geralmente, estabelecer vínculo com Ex 19.

No relato de Ex 19, os israelitas, liderados por Moisés, chegam ao deserto do Sinai, diante da Montanha. Moisés sobe e Deus propõe uma Aliança. A proposta é levada aos israelitas que a acolhem. Na Aliança Deus promete tornar Israel povo de sua particular propriedade, o que vincula a dimensão de povo sacerdotal e nação santa.

O estabelecimento da Aliança entre as duas partes, Deus e Israel, é legitimada pela Lei, que doravante será unificada nos demais mandamentos do Pentateuco, com a designação de Torá. Neste sentido, Pentecostes, celebrando a Aliança e a Lei, celebra em sua memória a outorga da Torá como dom divino. Contudo, esta memória da Aliança não permanecerá com Pentecostes, mas com Tendas (cf. Dt 31,9-13).

Partindo destes pressupostos se depara com um problema histórico sobre o sentido próprio de Pentecostes. Por volta de 270 d.C. o Rabino Eleazar exclama: “*A Pentecoste é o dia no qual a Torá foi dada*” (*Pesahim* 68b). Leva-se em conta que esta é a única vez que o *Talmud* ao tratar da festa fala de Torá. De fato, em *Hall* 4 Pentecostes é ainda lembrada como festa dos primeiros frutos. Nota-se que na *Mishná* e no *Talmud* enquanto se encontra inteiros tratados sobre Páscoa e Tendas e outras festas menores, não

se encontra nenhum tratado sobre Pentecostes, que é considerada uma das festas maiores, ao lado de Páscoa e Tendras. O mesmo fenômeno encontra-se na *Tosefta* escrita por volta do terceiro século²¹ e no Quarto Evangelho que trata de Páscoa, de Tendras e até da Festa da Dedicção, mas não faz absolutamente nenhuma referencia a Pentecostes. Nota-se que neste Evangelho, o dom do Espírito Santo é dado aos Apóstolos pelo próprio Jesus Cristo no dia da Ressurreição (primeiro dia da semana). Não por menos na Liturgia da Festa de Pentecostes cristã se faz a leitura do dia da Ressurreição de João (primeira aparição aos Apóstolos) e do dia de Pentecostes em At 2. Este fato surpreende quando se leva em conta que, além de ser uma das três festas maiores, ela está presente em todos os calendários do Antigo Testamento.

Filão de Alexandria desconhece em Pentecostes a memória da Torá. Na sua obra *De Specialibus Legibus* II,30,179 designa a festa como Festa das Primícias²², reconhecendo nela o seu caráter originariamente agrícola. Flávio Josefo adota a mesma perspectiva²³. Chocchini, baseando-se em Lohse, comenta que o fenômeno tenha ocorrido após a queda do segundo Templo²⁴. Contudo, tal explicação é insustentável, pois é anterior a queda do segundo Templo, como se pode observar, por exemplo, em Filão de Alexandria. Além do mais, no II séc. a.C., os Macabeus celebram a festa a partir da sua perspectiva agrícola (cf. 2Mc 12,31-32) e a festa desaparece do calendário de Ezequiel (cf Ez 45).²⁵ Uma possível resposta para o caso seja a relação entre Pentecostes e as primícias, que, em origem, possuía forte vínculo com a religião de Baal. Possivelmente, hipótese minha, o conceito de fidelidade à Lei e universalismo divino tenha entrado em choque com Pentecostes, que popularmente, podia trazer consigo traços da religião de baalita, o que era inaceitável para o judaísmo pós-exílico, que percebia que o exílio era um castigo divino por infidelidade à Lei. De fato, para o judaísmo pós-exílico a permanência na Terra Prometida estava diretamente vinculada ao conceito de fidelidade à Torá. Além do mais, a memória da Torá não estava diretamente vinculada à Pentecostes, mas à Tendras conforme prescreve Dt 31:

²¹ Cf. COCCHINI, R. L'Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste, p. 306.

²² Cf. COCCHINI, R. L'Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste, p. 307.

²³ Cf. COCCHINI, R. L'Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste, p. 307.

²⁴ Cf. COCCHINI, R. L'Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste, p. 307.

²⁵ Cf. COCCHINI, R. L'Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste, p. 307.

Moisés escreveu então esta Lei e deu-a aos sacerdotes, os filhos de Levi... como também a todos os ancião de Israel. E Moisés ordenou-lhes: No fim de cada sete anos,..., durante a Festa das Tendias, quando todo Israel vier apresentar-se diante do Senhor teu Deus no lugar que ele tiver escolhido, tu proclamarás esta Lei aos ouvidos de todo Israel. Reúne o povo, os homens e as mulheres, as crianças e o estrangeiro que está em tuas cidades, para que ouçam e aprendam a temer o Senhor vosso Deus, e cuidem de pôr em prática todas as palavras desta Lei (Dt 31,9-12).

A memória da Torá, enquanto lugar celebrativo, em Deuteronomio está vinculada à Tendias e não a Pentecostes, este talvez seja o motivo principal, pelo qual a festa tenha permanecido mais como memória agrícola do que como memória histórica do Êxodo (=Aliança do Sinai). De fato, até os tempos atuais o último dia da Festa das Tendias, o mais solene, celebra-se o Rito de *Simchat Torah* de tradição rabínica, baseada em Dt 31 e Ne 8.

Em todo caso, parece que o processo de historização de Pentecostes não tenha alcançado o seu objetivo pleno, ou seja, o de ser memória do dom da Torá. Pentecostes não perde o sentido de memória do Sinai, mas sua liturgia manifesta sempre a origem agrícola de gratidão pelos primeiros frutos.

O Livro dos Jubileus relaciona o tema da agricultura e da Aliança do Sinai. Em *Jub* 6,17 recomenda-se celebrar a Festa das Semanas por causa das Primícias e da Aliança. Mais adiante, o autor especifica que se trata da Festa das Semanas e da Festa dos Primeiros Frutos, uma festa com dupla natureza (cf. *Jub* 6,21). Curiosamente, quando o autor trata do tema da Aliança ele não a relaciona com a Aliança do Sinai, mas sim com a Aliança que Deus estabeleceu com Noé após o dilúvio (cf. *Jub* 6,16).

Pentecostes, sem perder o sentido agrícola das primícias da terra, também celebra Israel como “primícias” dentre os povos, ou seja, ela se torna um dom para Deus (povo sacerdotal/nação santa/especial predileção) e o Senhor que abençoa o seu povo com a terra, a chuva, os frutos e, especialmente, a Torá. Na realidade trata-se de um processo, no qual o aspecto agrícola aparece sensivelmente no contexto histórico da Festa de Pentecostes, principalmente a partir do período rabínico²⁶. Isto significa que a memória da Aliança e da Lei vinculada à Pentecostes não pode ser anterior a 70 d.C.²⁷ Hruby sublinha que,

²⁶ HRUBY, K. La Fête de La Pentecote dans la Tradiction Juive. *Bible et Vie Chrétienne* 63 (1964), p. 47.

²⁷ WEINFELD, M. Pentecost as Festival of the Giving of the Law. *Immanuel* 8 (1978), pp. 7-8.

enquanto o processo de evolução das Festas da Páscoa e Tendias apresentam uma perfeita coexistência da primitiva tradição agrícola com o novo contexto histórico, como é perceptível nos seus aspectos litúrgicos, não ocorre o mesmo em relação à Festa de Pentecostes, pois este teria praticamente perdido o caráter agrícola a partir do período rabínico²⁸. Em todo caso, os textos bíblicos do antigo Israel afirmam o caráter agrícola de Pentecostes. Assim, a ideia de “primícias” da terra passa, a partir da era cristã, para a ideia da Aliança e da Lei enquanto “primícias” de Deus para Israel.

7. De Shavuot a Pentecostes

O cristianismo originando-se em ambiente judaico assume as suas tradições culturais e religiosas relendo-as a partir do evento Jesus Cristo. Isto significa que existe uma estreita relação entre as tradições de Israel e aquelas cristãs²⁹.

O cristianismo assume a Festa de Pentecostes como memória da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, conforme é apresentado pela tradição lucana do Livro dos Atos dos Apóstolos e ampliado o seu significado pela Literatura Paulina. Contudo, deve se levar em conta que o Novo Testamento narra três experiências de efusão do Espírito Santo. Duas na Literatura Joanina e uma na Literatura Lucana, que é a festa por excelência. Os três relatos apresentam três imagens vinculadas à pessoa do Espírito Santo, ou seja, a água, o vento (sopro) e o fogo.

A primeira efusão do Espírito Santo encontra-se no relato joanino da Paixão e Morte do Senhor. No relato Joanino após a morte de Jesus na cruz, o soldado traspasa o lado direito de onde jorra sangue a água (cf. Jo 19,31-37). Diante da perspectiva da preparação do sábado, tendo em vista tratar-se do “Grande Sábado” pedem a Pilatos que retirem os corpos dos crucifixados. Para adiantar a morte dos crucifixados vem recomendado quebrar as pernas dos mesmos. Contudo, tal ato não se faz necessário no caso de Jesus por já o encontrarem morto. O soldado apenas traspasa o seu lado direito, de onde imediatamente jorra sangue e água. Diante de tal fato, o Evangelista anuncia o testemunho de quem viu. A segunda experiência encontra-se no relato joanino da Ressurreição de Jesus. No dia de Páscoa, estando os discípulos reunidos, Jesus põe-se no meio deles e, após a saudação, sopra sobre os mesmos infun-

²⁸ HRUBY, K. *La Fête de La Pentecote dans la Tradition Juive*, pp. 47-48.

²⁹ BUCHANAN, G.W. *Worship, Feasts and Ceremonies in the Early Jewish-Christian Church*. *New Testament Studies* 26/3 (1980), p. 292.

dindo o Espírito Santo e concedendo-lhes o dom do perdão (cf. Jo 20,19-23). O relato lucano de Pentecostes é a Festa por excelência vinculada à solenidade judaica de Shavuot, ocorrida cinquenta dias após a Ressurreição de Jesus, conforme vem narrado em Atos 2, no qual, novamente os Apóstolos encontram-se reunidos e desce sobre, em forma de pomba, o Espírito Santo, movendo-os para a Evangelização a todos os povos.

7.1. O relato de Atos 2

Jesus, no Evangelho de João já havia acenado para o fato de que a efusão do Espírito Santo estaria vinculada à sua Ascensão aos céus (cf. Jo 16). Esta é uma particularidade marcante do Pentecostes cristão, ou seja, a relação Ascensão de Jesus e Pentecostes³⁰. Na solenidade cristã, Pentecostes praticamente conclui o período pascal. Tem-se assim, a vinculação Páscoa-Pentecostes e entre estes dois polos a Ascensão do Senhor. Fitzmyer discute o tema da Ascensão como processo de exaltação de Jesus Cristo e sua relação com Páscoa e Pentecostes³¹.

Na obra lucana o Evangelho conclui-se com o relato da Ascensão do Senhor aos céus com algumas recomendações e, entre elas, a de aguardarem a força “do alto” a ser enviada por ele cumprindo a promessa do Pai (cf. Lc 24,44-53). O livro dos Atos dos Apóstolos tem início justamente com o tema da Ascensão com esta conclusão do terceiro Evangelho (cf. At 1,6-11). Particularmente em Atos, no diálogo entre Jesus e os Apóstolos, estes o questionam a respeito da restauração de Israel (cf. At 1,6-7), no qual Jesus que o tempo pertence ao Pai e prossegue anunciando os Apóstolos receberam “uma força”, que corresponde ao Espírito Santo que descerá sobre eles, tornando-os testemunhas em Jerusalém e por toda a terra (cf. At 1,8).

Nos relatos de Lucas, a Ascensão de Jesus tem lugar à tarde do dia da Ressurreição, apesar da intercalação textual do relato de Emaús. Além do mais, no relato de Emaús é dito que Jesus aparecera a Pedro (cf. Lc 24,34).

O livro dos Atos dos Apóstolos dedica um amplo espaço para o tema da Festa de Pentecostes, no qual apresenta o que antecede à vinda do Espírito Santo, o evento propriamente dito, e a consequência disto. Keener apresenta o seguinte esquema: 1. Promessa do Pentecostes (1,4-8); 2. Preparação para o

³⁰ FITZMYER, J.A. The Ascension of Christ and Pentecost. *Theological Studies* 45(1984), pp. 409-440.

³¹ FITZMYER, J.A. The Ascension of Christ and Pentecost. p. 409.

Pentecostes (1,12-26); 3. As provas do Pentecostes (2,1-4); 4. As pessoas do Pentecostes (2,5-13); 5. A profecia do Pentecostes (2,17-21); 6. A pregação sobre o Pentecostes (2,22-40); e, 7. A proposta do Pentecostes (2,41-47)³². Assim, com a Ascensão de Jesus, a primeira iniciativa dos Apóstolos é a de recompor o grupo dos doze com a escolha de Matias para o lugar de Judas Iscariotes. Após a reestruturação do grupo dos Doze, Lucas descreve o evento do Pentecostes (cf. At 2,1-13), seguida pela explicação de Pedro à multidão sobre o que ocorreu e o fenômeno das línguas, a partir das tradições de Israel (cf. At 2,14-36), seguida pela conversão de muitos (cf. At 2,37-41) e a consequência para a comunidade cristã (cf. At 2,42-47).

Na narrativa lucana de At 1-2, o Pentecostes confere aos Apóstolos o Espírito Santo e, investidos da “força do alto” estes também recebem o “dom de línguas” capacitando-os para a pregação da Boa Nova aos povos de diversas línguas. Deve-se sublinhar, então, que ocorrem dois fatos: a efusão do Espírito Santo e a concessão do dom de Línguas, ou seja, os Apóstolos tendo recebido o Espírito Santo como dom, recebem do próprio Espírito o dom de línguas. Apesar de Lucas se basear na profecia de Joel sobre a promessa do Espírito Santo para os tempos futuros, permitindo àqueles que receberiam o dom de profetizar o relato enfatiza o tema do testemunho, baseando-se na profecia de Isaías (cf. Is 43,3.10; 44,8; 32,10; 59,21).

Conclusão

A terra e o trabalho são coisas essenciais à vida humana, tornando impossível pensar o homem sem estas realidades. O livro do Genesis diz que tudo isto foi criado por Deus e que tudo está sob o domínio e o cuidado da pessoa humana. Neste sentido, é a capacidade do “*Homo Faber*” produzir meios de sobrevivência. Mesmo tendo a capacidade de criar, existe também o extasiar-se diante da grandiosidade e da beleza do universo. A primeira resposta humana a esta maravilha é sentir algo de extraordinário, de divino, algo sobrenatural que dê sentido a tudo isto: o céu, a terra, os fenômenos naturais, as estrelas, o sol, ou seja, tudo que compõe o universo (cf. Sl 8). O povo de Israel via todo o universo como algo surgido da bondade de Deus: “*Deus disse... assim se fez... e Deus viu que tudo era muito bom...*” (Gn 1-2). O Povo de Israel logo aprendeu que tudo tinha sido feito por Deus e colocado em suas

³² KEENER, C. S. Power of Pentecost: Luke’s Missiology in Acts 1-2. *Asian Journal of Pentecostal Studies* 12 (2009), p. 48.

mãos; e que toda criação tinha sido dada por Deus para o cuidado do homem. Assim no pensamento bíblico não é a natureza que domina o homem, mas é o homem que cuida da natureza.

O Povo de Israel, tendo a consciência que tudo é criação do único Deus e que tudo está sob o seu domínio, também teve a consciência que tudo era um “dom” divino. A terra, a chuva, o fruto da terra são uma benção de Deus para o seu Povo Eleito. Por outro lado, a estiagem também era vista como castigo divino: “*Eu também vos privei da chuva...*” (cf. Am 4,7-8).

A Festa de Pentecostes era para o Povo de Israel o momento de dizer à Deus que tudo é obra sua e que o Povo da Aliança se sente agradecido por ter sido lembrado, ter sido tratado com carinho, ter dado a terra e a chuva:

Visitas a terra e a regas, cumulando-a de riquezas. O ribeiro de Deus é cheio d’água, tu preparas seu trigal. Preparas a terra assim: regando-lhe os sulcos, aplanando seus terrões, amolecendo-a com chuveiros, abençoando-lhe os brotos. Coroas o ano com benefícios, e tuas trilhas gotejam fartura; as pastagens do deserto gotejam, e as colinas cingem-se de júbilo; os campos cobrem-se de rebanhos, e os vales se vestem de espigas, tudo canta de alegria! (Sl 65[64],10-14).

O Sl 65 fornece uma imagem precisa da relação de Deus com seu povo, abençoando seus trabalhos, benção que é a própria ação divina, ou seja, Deus que trabalha com o homem, participando do suor e do trabalho humano. Se para os cananeus e demais povos vizinhos era necessário um culto de fertilidade, numa relação de subordinação às forças de uma divindade agindo através das forças da natureza, para o Povo de Israel, Deus participa ativamente do trabalho humano e, além disso, tudo era d’Ele e tudo tinha sido dado ao seu Povo Eleito e os cobria de bênçãos. Deste modo, oferecer os dons da terra e do trabalho humano era agradecer ao criador da terra que abençoa cada ano a sua criatura com os frutos da terra.

A Festa de Pentecostes como gratidão a Deus pelos frutos da terra tornou-se chave de leitura mais importante para entender o que é a Torá para Israel, ou seja, um dom divino:

Porque, perguntam os mestres, na Escritura, Israel é comparada a uma pomba? O Sábio responde: Quando Deus criou a pomba, este retornou ao Criador lamentando-se: Oh! Senhor do Universo, tem um gato que me

persegue e procura devorar-me e eu devo correr o dia inteiro com as minhas pernas tão curtas. Então Deus teve misericórdia da pobre pombinha e lhe deu duas asas. Pouco depois a pombinha retornou outra vez ao Criador e lamentou-se: Oh! Senhor do Universo, o gato continua a perseguir-me e é muito difícil correr com duas asas nas costas. Elas são pesadas e eu não aguento mais com minhas pernas tão pequenas e fracas. Mas Deus lhe sorriu dizendo: Não lhe dei asas apenas para carregá-las nas costas, mas para que elas te portem. Assim acontece com Israel, quando se lamenta da Torá e dos seus mandamentos, Deus responde: Não lhe dei a Torá para que seja um peso nas tuas costas, mas para que ela te porte.³³

A Torá não cerceia a autonomia do homem, mas lhe possibilita a plena liberdade. A Torá é, de fato, para o Povo da Aliança o fruto bom dado por Deus aos seus filhos, a garantia de vida, a presença de Deus no meio do seu povo. A Torá é o melhor fruto dado por Deus a todos os homens, em especial para o Povo de Israel que recebeu das mãos do próprio Deus o fruto bom e doce da liberdade.

Para os cristãos, o dia de Pentecostes coincide com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos:

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousavam sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem. (At 2,1-4)

O relato da descida do Espírito Santo se relaciona diretamente com a revelação do Sinai (o vento, o fogo e as línguas). No evento do Pentecostes cristão novamente Deus manifesta o seu amor, agora se abrindo a todos os povos. O bom fruto que é dado é o seu próprio Espírito, que vem estabelecer a Lei do Amor no coração da humanidade. Enquanto que a Aliança e a Torá conduziam o Povo de Israel para a Terra Prometida, tendo em vista que a Aliança, a Torá e a Terra são dons preciosos. No Pentecostes cristão, os que foram chamados tornam-se peregrinos da humanidade, portanto os dons de Deus a cada pessoa humana, rumo a Pátria Celeste.

³³ SEGRE A. *Shavuot*. Unione delle Comunità Israelitiche Italiane. Roma 1966, p. 74.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.
- BUCHANAN, G.W. “Worship, Feasts and Ceremonies in the Early Jewish-Christian Church”. *New Testament Studies* 26/3 (1980), pp. 279-297.
- COCCHINI, R. L’Evoluzione Storico-Religiosa della Festa di Pentecoste. *Rivista Biblica Italiana* 25 (1977), pp. 297-326.
- DE MOOR, J. C. βα’αλ. *Grande Lessico dell’Antico Testamento*. v. I. Brescia: Paideia, 1988, pp. 1435-1475.
- DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- FITZMYER, J. A. The Ascension of Christ and Pentecost. *Theological Studies* 45(1984), pp. 409-440.
- HRUBY, K. La Fete de La Pentecote dans la Tradiction Juive. *Bible et Vie Chrétienne* 63 (1964), pp. 42-64.
- KEENER, C. S. Power of Pentecost: Luke’s Missiology in Acts 1-2. *Asian Journal of Pentecostal Studies* 12 (2009), pp. 47-73.
- LOHSE, G. πεντηκοστη. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. v. IX. Brescia: Paideia, 1974, pp. 1471-1496.
- MISNÁ, Tratado Jaguigá 2,4. In: Del Valle, C. *La Misná*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.
- POTIN, J. *La Fête Juive de la Pentecôte, Étude des Textes Liturgiques*. Tome I. Paris: Éditions du Cerf, 1971.
- SEGRE, A. *Shavuot*. Roma: Unione delle Comunità Israelitiche Italiane 1966.
- WAGENAAR, J. A. *Origin and Transformation of the Ancient Israelite Festival Calendar*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2005.
- WEINFELD, M. Pentecost as Festival of the Giving of the Law. *Immanuel* 8 (1978), pp. 7-18.



Gilvan Leite de Araujo

Doutor em Teologia Bíblica pelo Angelico de Roma

Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados

da Faculdade de Teologia da PUC-SP

São Paulo / SP – Brasil

E-mail: glaraujo@pucsp.br

Recebido em: 09/02/15

Aprovado em: 24/04/15